

**Ex corde**

Vila Real, UTAD, 22 de Fevereiro de 2006

José Reis

Professor Associado na UTAD

Na rede de relações infinitas que condicionam o fluxo dos acontecimentos e definem as circunstâncias da vida ou, como escreve Jorge Luís Borges no *Outro poema dos dons*, «graças ao divino / labirinto dos efeitos e das causas», estou aqui para responder à pergunta: que sentido dar ao convite do Prof. José Portela para ser eu a fazer a apresentação pública na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro do conteúdo do número doze da revista *ex aequo*, editada pela Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres, de homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo?

A pergunta não pôde deixar de se me colocar, por duas razões de princípio e por uma razão de género. Quanto a esta, a natureza da revista *ex aequo* e o conteúdo específico deste seu número sugeririam que, pela lógica do politicamente correcto, se deveria ter atribuído a uma representante do género feminino a tarefa que aqui protagonizo, embora desconfie que esta razão possa ser compensada por uma outra inscrita na lógica do politicamente sábio: a de admitir que a apresentação de um livro de homenagem a uma mulher possa ser feita por um homem. Mesmo que – e aqui enuncio as duas razões de princípio auto-questionante quanto ao sentido do convite – : a) no seu percurso de vida o homem que se questiona que sou eu nunca ter tido a oportunidade de se cruzar pessoalmente com o percurso de vida de Maria de Lourdes Pintasilgo; b) o homem que se questiona que sou eu considerar que a diferença de escala qualitativa entre o seu percurso de vida e o da Maria de Lourdes Pintasilgo ter como efeito introduzir uma irónica perturbação no valor da ideia de igualdade contida na expressão latina que dá título à revista que aqui nos traz.

Longe, portanto, de me situar num plano *ex aequo* com o de uma figura da dimensão histórica como a de Maria de Lourdes Pintasilgo, quero no entanto esclarecer que não foi nem por *ex insidiis* – por engano –, nem por *ex officio* – por dever do cargo –, nem por *ex voto* – por cumprimento de uma promessa – que aceitei este repto. Foi pela sentida admiração pessoal – *ex corde* –, a partir do coração, portanto, que o fiz. Admiração, fundada em momentos esparsos de memória, por uma mulher cujo pensamento político, a um tempo firme e dúctil, me pareceu sempre, nas situações mediáticas que a vi e a ouvi, reunir o que parece ser incomum ou impossível nos que de entre nós se dedicam profissionalmente à conquista e ao exercício do poder nas sociedades humanas: refiro-me a um sentido desprendido de missão pelo bem colectivo fundado numa atitude de

genuína e enérgica confiança nas virtualidades da cultura democrática que tem por horizonte, não se sabe se tangível, a perfectibilidade humana.

Na constelação de conceitos que a Fernanda Henriques, a organizadora deste volume, compôs em jeito de epígrafe ao seu texto de apresentação, e que também se reproduzem na contracapa, quase todos parecem dar conta de que Maria de Lourdes Pintasilgo sabia que esse horizonte de perfectibilidade é tangível. Entre esses conceitos ou «palavras fundadoras de um modo de habitar a vida e de protagonizar a história», e que no caso vertente servem para assinalar um «legado de cidadania», há um que costuma ser enunciado com excessiva frequência depreciativa, o da «utopia». Lá está ele, na constelação em causa, é logo o terceiro da primeira sequência, e neste contexto não podia deixar de ser grafado com maiúscula. Foi, aliás, por via desse conceito que eu aqui vim parar, mas prometo-vos que dele falarei o elementar que tenha a ver com a apresentação da revista.

Composto por um pórtico e três partes, o que a sua leitura integral confirma é que se trata, como escreve a Fernanda Henriques, de um «número polifónico». A variedade de vozes que nele participam e a diferença de registos discursivos que nele se enunciam são a melhor demonstração da polifacetada personalidade de Maria de Lourdes Pintasilgo e da sua admirável capacidade de ser ousada e qualificadamente inovadora em vários campos de acção e conhecimento. São vinte e duas vozes, dezassete das quais no feminino, que, em registos discretos e com variável elasticidade de ritmo pensante, dão testemunho gratulatório por uma vida que me parece pode ser definida como tendo sido regulada por uma inteligência dual, a um tempo crítica, no reconhecimento da historicidade da condição humana, e fideísta, na realização do potencial criativo e virtuoso dessa condição.

Vinte e duas vozes, a primeira, a de Ana Luísa Amaral, evocando poeticamente a voz de Maria de Lourdes Pintasilgo como «vinda / do fundo de algum mar /, mas não sereia: // antes trovão, / depois rompendo em ilha / com península dentro // e mil países ausentes de fronteira» – a que se seguem as vozes testemunhais de Maria João Seixas, Hermano do Carmo, Cármen Oliveira, Manuela Tavares, Maria do Rosário Belém, Paula Martinho da Silva, Françoise Gaspard. Amparadas nas suas respectivas «memórias e experiências», colaboram todas elas na apresentação da imagem de uma personalidade em que se consegue divisar a justaposição de traços firmes de carácter de rara combinação numa só pessoa: afectuosa autenticidade e disponibilidade sem reservas no trato pessoal; diplomacia na concertação de posições divergentes, mas firmeza na exposição das suas fundadas convicções ideológicas; inteligência sensível, culta e «cintilante» na avaliação dos problemas e das situações sob o seu escrutínio; lucidez e prospectiva na tomada de decisões com efeitos na esfera pública e social.

Ao lermos a cronologia, preparada por Maria Reynolds da Silva, sobre a vida e obra de Maria de Lourdes Pintasilgo, texto que funciona como preâmbulo ao conjunto de ensaios que dão corpo à primeira parte da revista e que, prolon-

gando a série de testemunhos incluídos no pórtico, visam demonstrar as «ressonâncias» em diferentes campos de actuação da sua «voz poderosa» – assim a define Olaf Olafsdottir –, somos confrontados com a biografia de uma mulher para quem, no dizer do seu próprio juízo, «as instituições são as moradas das aspirações», mulher com um sentido muito lato da habitação do espaço doméstico, visto que, como escreve Rosiska Darcy Oliveira, «fez do planeta a sua pátria e sua casa».

Por isso, a sua condição foi a de uma «*femme à la valise*», ocupando os mais diversos lugares institucionais na qualidade de membro e líder de vários Conselhos, Fundações, Grupos, Comitês, associados às mais importantes instituições internacionais como a ONU, UNESCO, OCDE, Conselho da Europa – e dos quais, pela sua ressonância simbólica, se destaca o ter sido, entre 1995 e 1996, a convite do presidente da Comissão Europeia, presidente do Comité de Sábios «Para uma Europa dos Direitos Cívicos e Sociais». Condição essa que se manifestou também na imagem de uma senhora levando na sua mala de mão os mais diversos documentos elaborados em função dos cargos que ocupou em organismos públicos e órgãos de administração nacional – dos quais a chefia, em 1979, do V Governo Constitucional, cargo que fez dela a primeira mulher a exercer o ofício de primeira ministra na Europa democrática do século XX, constitui talvez o mais mediática exemplo.

Mas, tal como se pode depreender pelo empenho que colocou na criação de associações de intervenção cívica – empenho materializado, por exemplo, na introdução, em 1957, no nosso país, do movimento internacional das mulheres católicas *Graal*, ou pela criação, em 2001, da *Fundação Cuidar do Futuro*, Maria de Lourdes Pintasilgo sabia que o campo de acção das instituições públicas só pode ser funcionalmente eficiente e democraticamente validado na justa medida em que permaneça aberto ao diálogo com as necessidades, as exigências, as interrogações, os contributos, as reflexões veiculadas e geradas por associações de cidadãos livres e empenhados em participarem nas dinâmicas do corpo social. Sobre tudo ela sabia que as instituições não operam *sub specie aeternitatis*, sob o signo da eternidade, nem *sub specie perfectonis*, sob o signo da perfeição. Parece ter sido essa uma das suas preocupações e advertências fundamentais, a de pôr as instituições ao serviço das aspirações e não a de conformar as aspirações ao molde cristalizado das instituições, advertência que pode ser captada na leitura do texto de Marikje / Maria Helena de Koning, «Cartas a Liliana sobre uma Mulher Futura». É um texto que, jogando com a retórica do discurso epistolar, incorpora longas citações da autoria de Maria de Lourdes, representativas da sua poliédrica cosmovisão como mulher de pensamento vivo, de acção consequente com esse pensamento, e de compromisso inquieto com a dimensão religiosa e espiritual da vida. Numa das cartas, a quinta, a que refere a necessidade histórica de se passar dos «valores às virtudes», isto é à urgência de se efectuar o trânsito da ética formal e institucional à ética da probidade e da plena consciência afectuosa, lemos esta passagem, da autoria de Maria de Lourdes, que parece apontar para a

radical e decisiva prevalência da transformação da consciência individual como condição da transformação institucional e social: «O que nos interessa neste momento é a possibilidade de ir dentro de nós para encontrar as virtudes. [...] Temos também de descobrir quais são as virtudes neste tempo de transição, neste cruzamento entre um pedaço de história que acaba e este novo tempo. Qual é este pedaço de história que acaba? É o pedaço cartesiano e a industrialista, a herança de Descartes e de outros e tudo que esteve à volta da industrialização [...] Nas virtudes quero chamar a atenção para a atenção».

Como engenheira química que foi, não é de estranhar que Maria de Lourdes Pintasilgo chamasse «a atenção para a atenção» às condições do mundo presente e, nessa medida, tenha sido tocada por um género (feminino?) de confiança na revelação de qualidades ou possibilidades materiais futuras, igual à que foi demonstrada pelo químico Mendeleiev que, ao ordenar em meados do século XIX, a tabela periódica dos elementos químicos segundo o respectivo peso atómico, deixou, na previsão da descoberta ulterior de novos elementos, casas vazias por preencher. A confiança de que essas casas seriam preenchidas revelou-se certa, e hoje conhecem-se mais vinte e nove elementos relativamente aos sessenta e três que foram registados no seu tempo. Muitos foram os contributos da engenheira Pintasilgo para sopesar, identificar e propor elementos de reflexão ordenadores das dinâmicas político-culturais. Alguns deles ficaram registados sob a forma de avaliações correctas dos problemas que analisou, outros ficaram assinalados sob a forma de propostas e directivas, correspondentes, na tabela de Mendeleiev, às casas por preencher.

De algum modo, os vários ensaios incluídos na segunda parte deste número da revista *ex-aequo* prestam, nas suas respectivas abordagens, e segundo uma incidência temática associada ao conhecimento das áreas de especialização dos seus autores, um tributo eloquente e reflexivo à visão prospectiva de Maria de Lourdes Pintasilgo no campo da política e da cultura, ou, por outras palavras, um tributo à sua «atenção para a atenção» do que está a suceder e do que nesse suceder se oculta de «ainda-não sucedido», na expressão do filósofo do utopismo Ernst Bloch.

O que, portanto, há de comum no enunciado destes ensaios é terem sido desencadeados a partir do subtexto que é todo o pensamento e testemunho de vida de Maria de Lourdes e de demonstrarem, à luz das suas correspondentes reflexões teóricas, a pertinente actualidade desse pensamento e desse testemunho. É essa atitude dialógica com o legado intelectual e cívico de Maria de Lourdes que motiva: (i) a síntese crítica e histórica-cultural elaborada por Francisco Louçã acerca da emergência da cultura da modernidade e dos paradoxos associados ao processo de secularização, mas também (ii) a crítica feita por João Lavinha, com base em argumentos produzidos por Maria de Lourdes de Pintasilgo num contexto político e cultural que remonta ao antigo regime, à concepção tecnocraticamente redutora do Plano Tecnológico do Governo de José Sócrates, bem como (iii) as «derivadas intempestivas» de Silvério da Rocha-Cunha em torno da

«era do vazio» e da «decepção com o cosmovisão moderna», ou (iv) a demonstração, feita por Maria do Céu da Cunha Rego, da originalidade e novidade do pensamento de Maria de Lourdes, ou, ainda, (v) a reflexão de Manuela Silva sobre a necessidade de se avançar para uma «economia cidadã», isto é para um sistema de relações económicas que contrarie a exclusão social, valorize os recursos endógenos e locais, promova a igualdade de género no trabalho e a presença das mulheres na vida activa. Como que a sugerir que a atitude dialógica com o legado de Maria de Lourdes Pintasilgo tem condições para prosseguir, a segunda parte da revista conclui-se com a notícia comunicada por Fátima Grácio sobre as circunstâncias e os propósitos cívicos da criação, pela própria Maria de Lourdes, da *Fundação Criar o Futuro*.

Ora, criar o futuro é algo que costuma andar associado às virtualidades do pensamento utópico. Na história das ideias do ocidente, sobretudo por via da sua matriz judaico-cristã, é possível discernir uma linha de continuidade que valoriza o futuro como lugar não só da consumação da história, mas também da realização da utopia do *summum bonum*. Essa tradição arranca com o profetismo e messianismo hebraico, prolonga-se no milenarismo cristão, seculariza-se com as filosofias da história que divisam na sucessão das transformações materiais e civilizacionais uma imanente ordem sequencial regulada pela ideia de progresso.

O texto de Maria Carlos Semedo Ramos, o primeiro dos dois textos inspirados pela dimensão religiosa do pensamento e da acção de Maria de Lourdes Pintasilgo que dão corpo à terceira e última parte da organização deste número da revista *ex aequo*, procura recortar ou propor um esboço de uma possível teologia de Maria de Lourdes a partir do seu livro *Imaginar a Igreja – Reflexões ultrapassadas?*

Retenho deste título o verbo «imaginar», o substantivo no plural «reflexões» e o «ponto de interrogação». São três signos que me parecem, após a leitura completa deste magnífico volume de homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo, ser cruciais para o entendimento das várias facetas desta mulher que imaginava reflectidamente sem deixar de se interrogar. Um certo modo de pensar a utopia é por aí que passa, sobretudo se for reforçada por um sentido teleológico da história partilhado por quem, como ela, se assumiu sempre como uma cristã que encarava o reino futuro do Cristo ressuscitado não como uma mera esperança, mas como uma incitação à preparação condigna da sua vinda, preparação que ela sabia ter de implicar uma mudança das leis da história da sociedade e, como sua condição, uma mudança, no plano individual, da vida em si mesma.

Maria de Lourdes sabia também que este princípio de esperança no futuro não é património dos crentes na segunda vinda (real ou simbólica) de Cristo. Vale a pena escutá-la para se perceber a razão por que o seu pensamento e exemplo de vida concitou tanta admiração em mentes cultural e ideologicamente afastadas por filosofias do conhecimento inconciliáveis. «A grande empresa – escreveu ela – não é o plano pensado e repensado, a estrutura gigantesca que, com os seus tentáculos, tudo vai abafar, nem a mentalidade renovada, adaptada, ajustada, confirmada. A grande empresa é mudar de vida. Mudar as estruturas

mudando-nos. Mudar o olhar que pomos nas coisas. Mudar a vida é esboçar em cada momento os novos valores e suscitar as condições de vida que os tornem reais; é captar na experiência a que a história nos conduz os valores insuspeitados, desconhecidos ou ignorados. Se queremos viver num meio que respeite os nossos direitos e que estimule as nossas aspirações, não nos podemos ficar, mudos e quietos, à espera de um qualquer poder providência que nos forneça os fins e os meios».

Ora parece-me que a principal lição implicada na vertente utópica do pensamento e da *praxis* de Maria de Lourdes é a que decorre de um claro entendimento de que só faz sentido «cuidar do futuro» chamando «a atenção para a atenção» ao presente.

Recorrendo ao que para mim é uma entidade inefável, a Deus – entidade que no meu quadro de referências funciona não como a nomeação de uma divindade pessoal, mas como uma possibilidade de se designar o fundamento insondável do ser –, escreve Maria de Lourdes, na mais pura das modalidades do utopismo, aquela que foi objecto de categorização por Karl Mannheim no seu clássico *Ideologia e Utopia*, relacionada com a revelação do eterno presente, e que tem como símbolo tutelar *kairos*, o deus da oportunidade na mitologia grega: «o único travão ao absurdo da história não é o longínquo amanhã, mas a abertura, a brecha, talvez o paroxismo no seio do próprio absurdo. A subversão é possível porque um outro processo está em curso. O cerco pode ser levantado porque Deus abre um caminho de libertação para todos os cativos das suas prisões interiores. É uma liberdade nova que permite ousar, fazer o gesto inesperado na história unidimensional de que toda a expectativa fora excluída. Será isto esperança? É porque há gente sitiada que compra campos hoje que a esperança está viva, que a vida é viável. E, fazem-no, porque no meio do cerco realizam a acção prosaica, limitada e concreta, de entrar em “comércio” com outros homens. (...) O único caminho da originalidade é a bondade sem limites nem condições».

O último texto, da autoria do teólogo Dimas de Almeida, é uma tradução acompanhada de um estudo de uma *Carta a Tiago* e que se apresenta como o primeiro ensaio de sabedoria cristã. Parece-me que o essencial dessa sabedoria coincide com muito do que Maria Lourdes de Pintasilgo fez e pensou e cultivou. Também eu gostaria de partilhar convosco uma pequena tradução que fiz há uns tempo de um conto de Tolstoi, numa versão, em francês, do mestre Zen vietnamita Thich Nhat Hanh, e que funciona, neste contexto, como a minha modesta homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo, por intuir que o exemplo magnífico da sua vida pode ser reconduzido ao sentido mais elementar desta narrativa, ela que sabia que «para além da explicação científica está a dimensão poética ou mítica de toda a realidade e de toda a vida humana».

Eis o conto:

A um imperador certa vez ocorreu-lhe que nada jamais o afastaria do caminho justo se soubesse responder apenas às seguintes perguntas:

Qual é o melhor momento para qualquer coisa?  
Quais são as pessoas mais importantes em qualquer trabalho?  
Qual é a coisa mais importante a fazer em qualquer momento?

O imperador promulgou um decreto para todo o seu império a anunciar que quem soubesse responder às três perguntas receberia uma grande recompensa. Depois de terem lido este decreto, muitos se dirigiram ao palácio com as suas diferentes respostas.

Respondendo à primeira pergunta, alguém sugeriu ao imperador que estabelecesse uma ocupação total do tempo, com as horas, dias, meses, anos e as tarefas a realizar. Se seguisse isso à letra, o imperador poderia então vir a fazer cada coisa em seu devido tempo. Uma outra pessoa retorquiu que era impossível prever tudo, que o imperador devia pôr de parte todas as distrações inúteis e que se devia manter atento a todas as coisas de maneira a saber quando e como agir. Uma outra insistiu em que o imperador não podia sozinho possuir a clarividência e a competência necessárias para decidir quando fazer algo. Parecia-lhe que o mais importante era nomear um Conselho de Sábios e de agir de acordo com as suas recomendações. Uma outra pessoa disse que certas questões necessitavam de um decisão imediata e não podiam esperar por uma consulta. Contudo, se o soberano desejasse conhecer com antecedência o que ia acontecer, ser-lhe-ia possível interrogar os adivinhos e os magos.

As respostas à segunda pergunta divergiram também muito entre si. Alguém disse que o imperador devia colocar toda a sua confiança nos seus ministros, um outro recomendou que fosse nos padres e nos monges, outros, ainda, nos médicos e mesmo nos militares.

À terceira pergunta foram dadas respostas igualmente variadas. Alguns afirmaram que a procura mais importante era a ciência, outros insistiram que era a religião e outros ainda que era a arte militar. O imperador não ficou satisfeito com nenhuma das repostas e não atribuiu a ninguém a recompensa.

Depois de várias noites de reflexão, o soberano decidiu visitar um eremita que vivia na montanha e que era tido por um ser iluminado. O imperador desejava encontrar o santo homem para lhe colocar as três perguntas, sabendo muito bem que o eremita nunca deixava as montanhas e que era conhecido por não receber senão pessoas pobres e por recusar qualquer contacto com ricos e poderosos. Por esta razão, o soberano disfarçou-se de camponês pobre e ordenou à sua escolta que esperasse por ele no sopé da montanha enquanto procurava sozinho o eremita.

Ao chegar à morada do homem santo, o imperador avistou-o a cavar o jardim diante da sua cabana. Ao ver o estrangeiro, o eremita saudou-o com a cabeça e continuou a cavar. Era um trabalho aparentemente muito penoso para um velho como ele; ofegava ruidosamente de cada vez que enterrava a enxada no solo para revolver a terra. O imperador aproximou-se dele e disse: «Vim pedir a vossa ajuda. São estas as minhas perguntas:



Qual é o melhor momento para qualquer coisa?  
 Quais são as pessoas mais importantes em qualquer trabalho?  
 Qual é a coisa mais importante a fazer em qualquer momento?».

O eremita escutou-o atentamente e, depois de dar uma pequena palmada no ombro do imperador, retomou o trabalho. O monarca disse então:

«Deveis estar cansado. Deixai-me ajudar-vos».

O velho homem agradeceu-lhe, entregou-lhe a enxada e sentou-se no chão para descansar.

Depois de ter cavado duas leiras, o imperador parou, voltou-se para o eremita e repetiu-lhe as suas três perguntas. De novo, o velho homem não lhe respondeu, mas levantou-se e, mostrando a enxada, disse-lhe: «Porque não descansais um pouco? Eu continuo». Mas o imperador continuou a cavar a terra. Passaram uma e outra hora. Por fim, o sol pôs-se atrás da montanha. O soberano pousou a enxada e disse ao eremita: «Escutai-me, eu vim até aqui para vos perguntar se sabeis responder às minhas três perguntas. Mas se não souberdes, digei-mo para eu regressar a casa».

O eremita levantou a cabeça e perguntou ao imperador: «Ouvís alguém a correr na nossa direcção?» O imperador voltou a cabeça e ambos viram surgir do bosque um homem com uma longa barba branca. Corria tropeçadamente, com as mãos a pressionar uma ferida no ventre, que sangrava. O homem correu em direcção ao soberano até cair sem sentidos no chão. Gemia e, ao abrir a sua camisa, o imperador e o eremita viram que ele tinha uma ferida profunda. O monarca limpou-a totalmente, e a seguir fez-lhe um penso com a sua própria camisa. Visto que o sangue corria abundantemente, teve de enxaguar e enfaixar várias vezes a sua camisa até conseguir estancar o sangue da ferida.

Finalmente, o homem ferido retomou a consciência e pediu água. O imperador correu até ao ribeiro e trouxe consigo uma bilha de água fresca. Ao longo de todo este tempo, o sol pusera-se e viera o frio da noite. O eremita ajudou o imperador a levar o homem para a cabana onde o deitaram sobre a cama. Aí, fechou os olhos e adormeceu sossegadamente. O soberano estava esgotado pela longa jornada que fizera, de caminhar na montanha e de cavar o jardim. Apoiando-se à porta, adormeceu. Por um momento, esqueceu-se onde estava e o que ali tinha vindo fazer. Quando acordou, olhou para a cama e viu o homem ferido, que também se perguntava o que fazia ali naquela cabana. Quando este viu o imperador, olhou-o atentamente nos olhos e disse num murmúrio dificilmente perceptível: «Por favor, perdoai-me».

«Mas o que fizestes para merecerdes ser perdoado?» perguntou o soberano.

«Vossa Majestade não me conhece, mas eu conheço-vos. Eu fui vosso inimigo e fiz o voto de me vingar por terdes morto o meu irmão na última guerra e

por vos terdes apoderado de todos os meus bens. Quando soube que vínheis sozinho a esta montanha para vos encontrardes com o eremita, decidi montar-vos uma cilada e matar-vos. Esperei durante muito tempo, mas vendo que não vínheis, deixei o meu esconderijo para vos procurar. Foi assim que acabei por dar com os soldados da vossa guarda que, ao reconhecerem-me, infligiram-me esta ferida. Felizmente, consegui fugir e correr até aqui. Se não vos tivésseis encontrado, teria com certeza morrido na hora. Eu tinha a intenção de vos matar e vós salvastes-me a vida! Sinto uma enorme vergonha, mas também um reconhecimento infinito. Se viver, faço o voto de vos servir até ao meu derradeiro sopro e ordenarei aos meus filhos e aos meus netos que sigam o meu exemplo. Suplico-vos, Majestade, concedei-me o vosso perdão!»

O imperador encheu-se de alegria ao ver com que facilidade se havia reconciliado com um antigo inimigo. Não apenas o perdoou, mas prometeu também restituir-lhe todos os seus bens e enviar o seu próprio médico e os seus servidores para se ocuparem dele até se curar completamente. Após ter dado ordem à sua escolta de reconduzir o homem a sua casa, o imperador regressou para se encontrar com o eremita. Antes de regressar ao seu palácio, o soberano desejava, por uma última vez, fazer as três perguntas ao velho homem. Encontrou o eremita a semear os grãos nas leiras cavadas na véspera.

O velho homem levantou-se e olhou-o. «Mas já tendes a resposta a essas perguntas».

«Como assim?», disse o imperador intrigado.

«Ontem, se não tivésseis tido piedade da minha velhice e não me tivésseis ajudado a cavar a terra, teríeis sido atacado por este homem quando regressásseis. Teríeis então lamentado profundamente não terdes ficado comigo. Por consequência, o momento mais importante foi o tempo passado a cavar o jardim, a pessoa mais importante fui eu e a coisa mais importante foi ajudares-me. Mais tarde, depois da chegada do homem ferido, o momento mais importante foi aquele que passastes a tratar da ferida, porque se o não tivésseis feito, ele teria morrido e vós teríeis desperdiçado a ocasião de vos reconciliar com um inimigo. Do mesmo modo, ele foi a pessoa mais importante, e cuidar da ferida foi a tarefa mais importante.

Lembraí-vos que não existe senão um único momento importante, que é agora. Este instante presente é o único momento sobre o qual podemos exercer o nosso magistério. A pessoa mais importante é sempre a pessoa com a qual se está, aquela que está diante de vós, porque quem sabe se vireis a estar ocupado com uma outra no futuro? A tarefa mais importante é fazer feliz a pessoa que está ao vosso lado, porque a procura da vida é apenas isso».

É apenas isso, porque, citando Maria de Lourdes Pintasilgo, «ao penetrar a transparência imanente da realidade, o homem pode descobrir o fundo transcen-

dente de tudo o que é real e vivo». Maria de Lourdes Pintasilgo, intuo, devia encarar o movimento em direcção a esse fundo transcendente como a mais merecedora e arriscada das tarefas, sabendo que, como no poema que lhe dedicou Yvette Centeno, *Graal / Der Weg*, «Pedra a pedra / caminhando / assim se faz / o caminho: / tem um nome / tem um rosto / o seu rosto é / feminino».